

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Museologia

Valesca Henzel Santini

CHARQUEADA SÃO JOÃO:
UM LUGAR DE MEMÓRIA ONDE OS TEMPOS SE MISTURAM

Porto Alegre
2011

Valesca Henzel Santini

CHARQUEADA SÃO JOÃO:
UM LUGAR DE MEMÓRIA ONDE OS TEMPOS SE MISTURAM

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Neto

Vice-reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Ricardo Schneiders da Silva

Vice-diretora: Regina Helena Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Ana Maria Moura

Vice-chefe: Helen Beatriz Frota Rozados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S235c Santini, Valesca Henzel

Charqueada São João : um lugar de memória onde os tempos se misturam / Valesca Henzel Santini ; orientadora Lizete Dias de Oliveira. – Porto Alegre, 2011.

43 f. : il. color.

1. Museologia – Expografia 2. Charqueada São João (Pelotas, RS) – Exposição I. Oliveira, Lizete Dias de. II. Título.

CDU 069.4:631.115.11(816.5Charqueada São João, Pelotas)

Catalogação: Fernando Paganella Pires — CRB-10/2096

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3316 5146

Fax: (51) 3330 6635

E-mail: fabico@ufrgs.br

Valesca Henzel Santini

CHARQUEADA SÃO JOÃO:
UM LUGAR DE MEMÓRIA ONDE OS TEMPOS SE MISTURAM

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em 06 de dezembro de 2011.

Banca Examinadora

Lizete Dias de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marlise Giovanaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Helen Beatriz Frota Rozados
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora Lizete Dias de Oliveira, por ter sido a inspiração para estudar objetos. Obrigada pela disponibilidade em fazer leituras críticas e me indicar os caminhos, obrigada pela sua presença.

Às professoras Marlise Giovanaz, Ana Dalla Zen e Valdir Morigi pelas contribuições teóricas ao longo de todo o curso.

Aos colegas Manolo Silveiro Cachafeiro e Luciana Oliveira de Brito, pelo apoio, pela parceria e pela amizade.

Aos colegas maravilhosos com quem convivi durante o curso, cada um com sua marca. Letíssia, Jeanice, Davi, Ana Celina, Cidara. Que tenham sucesso em suas trajetórias!

Aos coordenadores das instituições onde realizei meus estágios curriculares, Flávio Krawczyk, diretor da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre, e Vera Regina Pellin, diretora da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa, obrigada pela oportunidade de aliar teoria e prática.

Ao Sr. Marcelo Mazza e a Dona Eva, por tão bem terem me acolhido na Charqueada São João.

Aos meus pais, Teresinha e Eduardo, que sempre apoiaram minha dedicação aos estudos.

Ao Marcelo, obrigada por estar comigo em todos os momentos.

Ao Fernando e Ricardo, meus maiores tesouros pequeninos, obrigada por me tornarem a cada dia uma pessoa melhor.

Antropomórficos, estes deuses domésticos, que são os objetos, se fazem, encarnando no espaço os laços afetivos da permanência do grupo, docemente imortais até que uma geração moderna os afaste ou os disperse ou às vezes os reinstaure em uma atualidade nostálgica de velhos objetos.

Jean Baudrillard (1973, p. 22)

RESUMO

Este trabalho analisa a expografia da Charqueada São João, uma instituição que conserva e expõe um amplo acervo familiar de objetos domésticos. Construída no século XIX e aberta ao público desde 2000, a casa atualmente faz parte do roteiro turístico da região e recebe os mais diversos públicos, como turistas e estudantes, interessados em conhecer sua história. O objetivo do trabalho é compreender o discurso museográfico, além de identificar possíveis critérios de seleção dos objetos, para sugerir melhorias nas práticas expográficas da instituição, com vistas à adequá-las aos conceitos da museologia. Através das referências teóricas de Jean Baudrillard, e procedimentos metodológicos propostos a partir da Teoria dos Objetos, de Abraham Moles, este estudo revela a existência de uma diacronia no discurso museográfico da instituição, que expõe objetos de diversas temporalidades em um mesmo contexto.

Palavras-chave: Objeto. Exposição. Museu. Museologia.

ABSTRACT

This paper analyzes the expography of Charqueada São João, an institution that preserves and exhibits extensive collection of familiar household objects. Built in XIX century and open to the public since 2000, the house is now part of the tourist area and receives all audiences, as tourists and students interested in learning about its history. The objective of this study is to understand the museological discourse and to identify possible criteria for selection of objects, to suggest improvements in the practices of the institution, in order to fit them the concepts of museology. Through the theoretical references of Jean Baudrillard, and methodological procedures proposed by Abraham Moles, this study reveals the existence of a diachrony in museological discourse of the institution, which exposes objects of different temporalities in the same context.

Keywords: Object. Exhibition. Museum. Museology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	O MODO DE VIDA NAS CHARQUEADAS	12
2.1	Características da Arquitetura.....	12
2.2	Charqueada são João: um breve histórico	16
3	O TEMPO DOS OBJETOS	20
3.1	Valor dos objetos.....	24
3.2	Tempo, museu, lugar de memória.....	25
4	EXPOGRAFIA DA CHARQUEADA SÃO JOÃO	28
5	ANÁLISES DOS OBJETOS.....	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Quando visitei a Charqueada São João, em Pelotas, pela primeira vez, em 2010, em função de outra pesquisa acadêmica, percebi que havia ali um grande potencial para estudá-la como objeto do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia. Trata-se de uma antiga casa, aberta ao público, onde está exposta uma grande coleção familiar de objetos domésticos, conservados pelos proprietários durante décadas, e expostos à visitação, como um museu.

Guardar, conservar, preocupar-se com a memória e com a disseminação do conhecimento. Estas são tarefas atribuídas aos museus da atualidade. Entretanto, existem instituições que, apesar de não serem oficialmente museus¹, preocupam-se com questões de preservação da memória e realizam atividades museológicas.

Esse é o caso da Charqueada São João. Construída no início do século XIX, e aberta ao público desde 2000 para exposição do acervo de objetos, a casa atualmente faz parte do roteiro turístico da região e recebe os mais diversos públicos, como turistas e estudantes, interessados em conhecer sua história.

A casa foi construída em 1807 por Antônio José Gonçalves Chaves, um dos mais influentes charqueadores da época. Em 1952 foi adquirida pela família Mazza, atual proprietária. Mas a consolidação da Charqueada São João como ponto de visitação turística ocorreu em 2002, quando o lugar transformou-se na Estância da Barra, cenário de uma das residências da minissérie A Casa das Sete Mulheres. Produzida pela Rede Globo de Televisão em solo pelotense, essa minissérie revelou ao país episódios da história do Rio Grande do Sul.

Visitar a sede da Charqueada é como passear pelo tempo atravessando três camadas cronológicas. Na visita guiada pelas treze salas de exposições é possível observar desde móveis e utensílios originais da casa, do século XIX, outrora pertencentes a família Gonçalves Chaves, passando por objetos, louças e fotografias do século XX, da família Mazza, além de registros fotográficos da produção da minissérie global, do início do século XXI.

¹ Refiro-me a instituições sem personalidade jurídica, não cadastrados no Sistema Brasileiro de Museus (BRASIL, c2009/2011), e sem vinculação ao IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus, autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, que, entre outras atribuições, tem por função o apoio à iniciativas no campo da museologia.

Ao longo destes mais de duzentos anos, móveis e objetos foram sendo agregados à vida das famílias que habitaram a casa, e atualmente todos fazem parte da mesma exposição, em ambientes domésticos “congelados”, que parecem ainda habitados por personagens do passado.

É justamente aí que repousa o foco deste trabalho, a expografia desta instituição, que mesmo não sendo museológica, trata-se de um verdadeiro Lugar de Memória, tal como definido por Pierre Nora (1993). Em uma primeira aproximação, percebe-se a presença de objetos das mais variadas temporalidades e contextos, indicando para uma diacronia dos objetos. Aparentemente os objetos sugerem que a expografia adotou um discurso que, como um palimpsesto, expõe em diversas camadas, diversas temporalidades em um mesmo contexto. Assim, este trabalho busca responder à seguinte questão: qual o discurso produzido pela museografia da Charqueada São João?

O objetivo do trabalho é compreender o discurso museográfico para sugerir melhorias nas práticas expográficas da instituição, com vistas à adequá-las ao conceitos da museologia, contribuindo, futuramente, para sua transformação em uma instituição museológica oficial, como todos os direitos reconhecidos e possibilidades de apoio de órgãos de Estado e agências de fomento do setor cultural.

Como objetivos específicos, este trabalho propõe-se a analisar a expografia da instituição, identificar possíveis critérios de seleção dos objetos, e ainda verificar a existência de uma diacronia no discurso museográfico da instituição.

A definição da metodologia empregada na investigação visa estabelecer as diretrizes para a realização da mesma. Dessa forma, os objetivos propostos foram atingidos através da utilização dos métodos de classificação dos objetos, proposto por Abraham Moles, e dos conceitos acerca da comunicabilidade dos objetos, estabelecidos por Jean Baudrillard.

O corpus de pesquisa deste trabalho é constituído pelos objetos expostos em uma das salas de exposição da Charqueada São João, denominada Sala dos Tropeiros, que era, na sua origem, o local de acolhimento aos condutores das tropas de gado. A escolha desta sala, apesar de não ser a mais rica em termos de objetos, se deu em função de ser uma das únicas áreas onde é permitido o registro fotográfico do ambiente e dos objetos.

A trajetória metodológica adotada inclui, a partir da coleta de dados realizada no local da investigação, a classificação dos objetos expostos, através dos critérios de agrupamentos de objetos propostos por Moles (1981), através dos seguintes instrumentos de classificação:

- lista de móveis e objetos existentes na sala de exposição, classificando-os por grupos de função dos objetos; e
- tabela de provável época em que cada objeto foi incluído no conjunto de objetos da casa.

A partir dos mapas elaborados, foram desenvolvidas as análises finais.

A ideia deste trabalho é fruto de algumas visitas que realizei na Charqueada São João, onde observei seu trabalho enquanto instituição que preserva a memória e difunde conhecimento. Suas atividades culturais, e as diversas práticas adotadas pela instituição, tais como a guarda e preservação da cultura material ligada ao ciclo do charque, a exposição de tais objetos ao público e a difusão de conhecimento através de visitas mediadas, justificam sua escolha como objeto de pesquisa na área da Museologia. É importante deixar claro, que, apesar de a Charqueada São João não se apresentar como um museu, será neste trabalho analisada como tal, em função de suas práticas. Por isso, ao longo do trabalho, por várias vezes refiro-me à Charqueada São João como museu.

Como todo trabalho científico traz alguma influência da história de seu autor, a escolha do tema e objeto de pesquisa deste trabalho sofreram influências de minha trajetória profissional. Como arquiteta, sempre cultivei o interesse por conhecer os modos de habitar, e de que forma a casa e seus objetos podem representar a família e a sociedade de cada época, já que, como bem lembra Maurice Halbwachs (2006), as relações sociais estão colocadas no espaço, e estes falam de uma determinada época. Juntando-se a este antigo interesse o conhecimento adquirido no curso de museologia, tive a oportunidade de construir neste trabalho um elo entre arquitetura e memória, em um exercício de interdisciplinaridade que é característica do campo museológico, já que, assim como o museu, a casa também é composta por um mundo de objetos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: o capítulo 2 é dedicado a considerações sobre a história das Charqueadas e seus modos de vida. O capítulo 3 traz o embasamento teórico sobre a comunicabilidade dos objetos e seus possíveis modos de classificação, além de reflexões sobre o tempo e o próprio

conceito de museu. No quarto capítulo, informações sobre a expografia da Charqueada São João, seguido pelas análises e considerações finais.

2 O MODO DE VIDA NAS CHARQUEADAS

Este capítulo será dedicado a apresentar as principais características da arquitetura das charqueadas, bem como um breve histórico da Charqueada São João. Entretanto, antes de dar prosseguimento a este capítulo, penso ser importante trazer para o texto a definição do termo Charqueadas, por ser este recorrente ao longo do trabalho, bem como uma breve descrição do período do ciclo do charque no Rio Grande do Sul.

O período da história do Rio Grande do Sul conhecido como Ciclo do Charque é um ciclo econômico, principalmente do século XIX em que o Rio Grande do Sul viveu o apogeu da produção do charque. O charque, carne salgada e desidratada através da exposição ao sol, era produzido com mão de obra escrava em propriedades rurais chamadas Charqueadas. Essas atividades deixaram em solo gaúcho heranças materiais que até hoje sobrevivem, como as belas residências das charqueadas, que tornam Pelotas uma cidade referência histórica e cultural. Entre os diversos exemplares desta arquitetura típica da região charqueadora, está a Charqueada São João, construída ainda no início do século XIX e que se apresenta, ainda hoje, como um dos mais íntegros exemplares da arquitetura daquele período, segundo divulgado no site da instituição (CHARQUEADA SÃO JOÃO, [201-?]). O declínio do ciclo do charque deu-se com o advento dos frigoríficos, no início do século XX, além do fim da escravatura e do desenvolvimento do transporte ferroviário. De acordo com o site oficial da prefeitura de Pelotas ([201-?]), em 1918, restavam apenas cinco, das mais de duzentas charqueadas da região.

2.1 Características da Arquitetura

Considerando que o objeto de análise deste trabalho é uma residência de Charqueada, este capítulo será dedicado a apresentar as principais características das residências das charqueadas do século XIX, a fim de contextualizar o tema deste trabalho. Para tal análise recorri a trabalhos feitos na área da arquitetura, como a dissertação de Henrique Luccas, segundo ele:

A arquitetura da pecuária riograndense constituiu um conjunto formal heterogêneo sob aspectos construtivos, plásticos e de distribuição interior. O extenso período de hegemonia econômica da atividade – quase dois séculos – é um dos fatores responsáveis pela

diversificação dessa produção. (LUCCAS, 1997, p. 5)

A pecuária, atividade econômica dominante no Rio Grande do Sul no século XIX, determinou, a partir da dinâmica de suas lidas, duas tipologias arquitetônicas importantes: a estância (ou fazenda) e a charqueada. Em termos funcionais, enquanto na estância a principal atividade era a criação do gado, a função principal das charqueadas era a produção do charque, carne salgada e desidratada através da exposição ao sol, produzido com mão de obra escrava.

As residências, tanto nas estâncias quanto nas charqueadas, desenvolviam-se a partir de um partido arquitetônico² semelhante, apesar de a casa da estância abrigar apenas a família e um grupo na maioria das vezes não muito numeroso de escravos. Nas charqueadas, entretanto, era preciso acomodar, além de um número bem maior de escravos, amigos e agregados, também o pessoal para a manutenção das duas atividades: a produção do charque, e a produção de elementos cerâmicos, esta última desenvolvida da entressafra da primeira. A necessidade de água abundante para o abate do gado também fazia com que a charqueada estivesse necessariamente posicionada às margens do rio.

De modo geral, as residências das charqueadas adotam um partido arquitetônico retangular ou quadrado, com pátios internos em torno dos quais se organizam as residências. Estes espaços, apesar de descobertos, eram protegidos dos fortes ventos dominantes no sul pelas próprias paredes da casa, ou, na ausência destas, por muros que garantiam a proteção e segurança. O que também chama a atenção nas plantas das residências das charqueadas é a ausência de varandas externas, que raramente se integram à arquitetura das estâncias como consequência do clima, cujas baixas temperaturas e o vento minúano reduziriam sua utilização, além de garantirem uma maior proteção em tempos de guerra.

² Partido arquitetônico, segundo definição de Neves (1998), é a primeira definição de proposta de proposta de solução espacial e técnica, levando em conta a interpretação dos condicionantes e a intenção plástica do projetista.

Figura 1 — Sede da Fazenda das Almas. Piratini, RS



Fonte: Bicca (2008).

Figura 2 — Planta baixa da residência da Fazenda das Almas



Fonte: Bicca (2008).

A planta baixa da residência da Fazenda das Almas (figura 2), demonstra a tipologia de partido arquitetônico comum nas residências das charqueadas, com format quadrado, simétrico, com patio interno. É interessante notar que, assim como na Fazenda das Almas, era muito freqüente a existência da capela, ora com espaço próprio, ora reduzida a um oratório apoiado sobre um móvel.

Figura 3 — Fazenda da Lapa, Encruzilhada do Sul, RS



Fonte: Luccas (1997).

Figura 4 — Interior da Fazenda da Lapa com seu oratório



Fonte: Bicca (2008).

A alimentação era quase toda produzida na própria casa, por isso, além da cozinha, havia dois espaços relacionados com a produção de alimentos: a casa do charque, produzido em escala doméstica, e a atafona, para o fabrico da farinha, também consumida pelos moradores, além das senzalas para abrigar os escravos.

Apesar de numerosos compartimentos, as casas das charqueadas em geral eram simples, independente da capacidade econômica de seu proprietário. Tal fato é relatado por Saint-Hilaire, que inclusive ficou hospedado em um dos dormitórios da Charqueada São João, em seu relato de viagem ao Rio Grande do Sul:

Várias vezes tenho assinalado a existência de homens muito ricos nesta Capitania. Inúmeros são os estancieiros que dispõe de renda de até 40.000 cruzados. Todavia em suas casas, nada existe que anuncie tal fortuna. O major Felipe, por exemplo, é possuidor de 40.000 cruzados; entretanto um campônio francês, com mil escudos

de renda, vive com mais conforto. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 193)

Organizadas em apenas um pavimento térreo ou assobradadas, as casas mantinham em geral a tipologia arquitetônica das fachadas, compostas de uma linha de janelas que conferiam um aspecto horizontal, acentuado pela ausência de varanda e pouca profundidade de beiral no telhado.

Figura 5 — Foto da Sede da Charqueada Santa Rita, um dos exemplars mais preservados da arquitetura das charqueadas



Fonte: Autora.

2.2 Charqueada São João: um breve histórico

Construída entre 1807 e 1810, às margens do Rio Pelotas, a Charqueada São João pertenceu inicialmente a Antônio José Gonçalves Chaves, um dos principais pecuaristas da região. Em 1952, a propriedade foi adquirida por Rafael Mazza, como presente a sua esposa Nórís Mazza. A família Mazza ainda é proprietária da Charqueada, que é atualmente administrada pela terceira geração da família.

Segundo o atual administrador da propriedade, Sr. Marcelo Mazza, sempre foi um grande desejo de sua avó Nórís que a história da Charqueada não se

perdesse no tempo, e que fosse difundida para as gerações posteriores, uma vez que, em frase constantemente dita por ela: “As prateleiras não contam história”, referindo-se à necessidade da preservação da casa e seus objetos, para que estes pudessem um dia ser um meio de ensino da história.

Sendo assim, em 2000, após a morte de Dona Nóris, a família decidiu preservar o conjunto da casa e seus objetos e abrí-la à visita pública, vendo nesta decisão também uma alternativa de conseguir os mínimos recursos financeiros para manter a propriedade. Desde então, é possível visitar a casa e observar uma coleção rica e profusa de objetos domésticos, como móveis, louças, roupas, enfim, objetos pertencentes ao cotidiano familiar em duzentos anos de história.

Entretanto, foi em 2002 que a Charqueada São João tornou-se um dos mais visitados pontos turísticos da região, ao servir de locação para a produção da minissérie histórica A Casa das Sete Mulheres, exibida pela Rede Globo de Televisão entre janeiro e abril de 2003, que, pela grandiosidade de sua produção e notoriedade dos atores, atingiu elevados índices de audiência.

Ao tornar-se cenário de uma produção televisiva, a Charqueada São João teve então sua visita potencializada atraindo turistas, estudantes e pesquisadores interessados em conhecer a história.

Atualmente, a Charqueada São João, que não se apresenta como museu, recebe cerca de 500 visitantes ao mês, principalmente público escolar, interessados em observar a casa e seus objetos, mesmo que estes não contenham nenhuma informação a respeito de suas características físicas ou de caráter histórico. Eventualmente a casa também recebe eventos como reuniões empresariais e pequenas festas privadas, como fonte de recursos financeiros para manutenção do imóvel.

Figura 6 — Foto externa da residência da Charqueada São João



Fonte: Autora

A Charqueada São João hospedou, em 1820, o viajante francês Saint-Hilaire, que a descreveu em seu livro *Viagem ao Rio Grande do Sul*:

Margem do rio Pelotas, 6 de setembro, 1820. - "Dada a hora avançada de nossa chegada a casa do Sr Chaves, nada pude dizer ainda a respeito. A casa está situada do modo mais favorável, pois os iates podem chegar até junto dela. A residência do proprietário é de um pavimento apenas, porém grande, coberta com telhas e um pouco elevado do solo. Interiormente é dividida em grandes peças que se comunicam umas com as outras e que ao mesmo tempo se abrem para fora. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 67)

Sobre o interior da casa, seus móveis e aposentos, o viajante relatou ainda:

Hospedaram-me num quarto pouco iluminado, dando para uma sala de refeições, gênero de distribuição comum em todo Brasil. Mesas, cadeiras e canapés compõem o mobiliário do Sr. Chaves. As cômodas e as secretárias são móveis completamente modernos no Brasil e somente encontrados em um número exíguo de casas. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 67)

O dormitório onde Saint Hilaire foi hospedado é atualmente um dos ambientes abertos à visitaçãõ.

Sua tipologia arquitetônica corresponde ao padrão descrito do sub-capítulo anterior, distribuída em um único pavimento, com partido arquitetônico quadrado, organizando-se em torno de um patio interno, para onde se abrem a maior parte dos compartimentos.

Atualmente, treze compartimentos da casa são abertos à visitação pública, a outra parte é utilizada como moradia dos proprietários. As salas destinadas à visita expõem objetos dos mais variados tipos e temporalidades, desde objetos encontrados em escavações arqueológicas, até utensílios e móveis da época da construção, que convivem com objetos relacionados à produção da minissérie global, sendo justamente esta mistura dos tempos que interessa a essa pesquisa.

3 O TEMPO DOS OBJETOS

Tendo em vista o foco do trabalho na expografia da Charqueada São João, é relevante observar conceitos acerca do estudo dos objetos, como os propostos por Jean Baudrillard, ao pensar os objetos em relação, como um sistema.

A grande questão proposta por Baudrillard (1973) já no início de seu livro “O sistema dos objetos”, é a seguinte: pode-se classificar um mundo de objetos e chegar a um sistema descritivo? Isso, segundo ele, deveria levar em conta muitos critérios possíveis: tamanho, grau de funcionalidade, gestual, forma, duração.

Entretanto, sua preocupação central não estava exatamente em classificar os objetos, mas sim em analisar os processos pelos quais as pessoas entram em relação com eles e as relações humanas que disso resulta. Baudrillard pressupõe a existência de um sistema falado dos objetos, ou seja, de um sistema de um sistema de significações mais ou menos coerentes que se instalam.

Sobre a evolução tecnológica dos objetos, Baudrillard diz que a tendência é atender às necessidades sucessivas por meio de objetos novos, e que:

cada um de nossos objetos práticos se associa a um ou vários elementos estruturais, mas continuamente escapam da estruturalidade técnica para as significações segundas, de um sistema tecnológico dentro de um sistema cultural. (BAUDRILLARD, 1973, p. 16)

Assim, as casas vão se constituindo através da substituição e acumulação de objetos e móveis, e sua configuração é uma imagem das estruturas familiares e sociais. Com o passar do tempo, vão mudando as relações sociais da mesma maneira que vão mudando também os estilos do mobiliário e objetos.

Neste espaço privado, cada móvel traz uma dignidade simbólica, na integração das relações pessoais no grupo semi-fechado da família.

O objeto deste trabalho é uma casa que abrigou famílias de diferentes épocas, com estilos mobiliários diferentes, entretanto, com traços de uma sociedade de comportamento formal. O mobiliário possui tão pouca autonomia na casa quanto os membros da família na sociedade. A austeridade da sala de jantar, com a cadeira da cabeceira destinada ao chefe da família, os ambientes destinados ao domínio masculino, como o escritório, ou ao domínio feminino, como a sala de costura, são atestados de comportamento familiar e social, onde cada pessoa teria seu papel e suas atribuições muito bem definidas.

Contraopondo-se ao sistema mobiliário do século XIX e início do século XX, hoje em dia os objetos transparecem claramente em sua serventia. São livres enquanto objetos de função, o que quer dizer que têm a liberdade de funcionar e praticamente só esta. Os móveis planejados são uma solução para a falta de espaço moderna.

É neste contexto de mudança de espaço e de hábitos que Baudrillard propõe o conceito de Ambiência, ou seja, não mais implantar um teatro de objetos ou criar uma atmosfera, mas resolver um problema, dar a resposta mais sutil a uma confusão de dados, mobilizar um espaço.

Alguns fatores influenciam a ambiência, como a cor, o material, a função, o gesto.

Com relação às cores, o elegante ainda é o esmaecimento das aparências. Se antigamente isso se dava através de cores escuras e nobres, hoje é o branco e os tons pastéis que reinam nos ambientes domésticos. O branco sempre associado à limpeza, o pastel associado a uma neutralidade permanente:

No uso dos materiais, fica claro que a evolução tecnológica tem sua parcela nas residências atuais. Assim como não há, atualmente, material natural que não tenha seu equivalente industrializado, também não há mais gesto que não tenha seu equivalente técnico. (Baudrillard, 1973, p. 45)

Neste grande sistema de objetos domésticos, Baudrillard aborda ainda um outro tipo de objeto: o objeto não funcional, ou seja, o objeto antigo. Seu propósito, diferentemente dos objetos funcionais, é o de testemunho, lembrança, nostalgia, evasão, achando-se presentes apenas para significar o tempo. O objeto antigo simboliza um ser precedente, o que equivale a uma elisão do tempo, a busca pelas origens, regressão.

A partir destes pressupostos de Baudrillard, faço uma associação com os objetos da Charqueada São João, onde inúmeros objetos antigos continuam em composição com objetos contemporâneos, e contam histórias das gerações passadas, ultrapassando assim seu caráter funcional. É o caso, por exemplo, das caixas de charutos, posicionadas no escritório como se algum morador ainda as utilizasse. Sua função ali, entretanto, é a de lembrar aos visitantes que, no passado, eram comum as reuniões de homens importantes naquele ambiente para fumar e conversar sobre negócios, guerras e política.

Seguindo no embasamento teórico sobre os objetos, trago ao trabalho os pressupostos teóricos de Moles, que, a partir de uma perspectiva sociológica, analisa os objetos considerando-os mediadores da relação entre cada homem e a sociedade. Os objetos, segundo ele, são elementos que, inseridos em um determinado conjunto estruturado, transmitem uma mensagem, são portadores de signos.

Moles define como Campos de Pesquisa dos objetos as esferas de acesso ao objeto, ou seja, “[. . .] os pontos de espaço-tempo onde a linha do universo do indivíduo se encontra cercada da densidade máxima de objetos por unidade de volume deste espaço-tempo.” (Moles, 1981, p. 33). Assim, segundo Moles, ambientes dos mais diversos podem ser considerados Campos de Pesquisa dos objetos, tais como a casa, a loja, o local de trabalho, o museu.

Neste trabalho, o campo de pesquisa dos objetos é a casa da Charqueada São João, que guarda um conjunto de objetos que foram de uso cotidiano das famílias que habitaram a casa, e que hoje encontram-se de alguma maneira organizados e expostos à visita pública.

Moles define, para cada Campo de Pesquisa dos objetos, alguns critérios de agrupamento. Utilizarei neste trabalho alguns critérios de agrupamento balizadores indicados por Moles, que são em geral utilizados em museus e em residências, em função do caráter doméstico que possui o objeto desta pesquisa.

No caso dos museus, Moles defende a existência de alguns critérios de agrupamento possíveis, entendendo que o todo o museu efetua uma espécie de seleção no mundo dos objetos. Segundo o autor, o museu na sua essência, qualquer que seja o seu fim, quer ser a expressão da razão ordenadora:

É nisto que ele se opõe ao quebra-cabeça, ao antiquário, ao sótão. Expressão fundamental no século XIX, ele é ordenado, bem mantido, bem sustentado, e totalmente anti-espontâneo. (Moles, 1981, p. 77)

O primeiro critério, diz o autor, é querer apresentar ao máximo de pessoas o maior número de elementos criadores de prazer estético, assemelhando-se neste sentido, aos critérios seguidos pelos grandes magazines.

Outros critérios podem também aparecer na seleção dos objetos, como, por exemplo, classifica-los segundo critério histórico, que é seguido na maioria dos museus:

Nestas condições, ele propõe ou impõe ao espectador “unidades morfêmicas”, ele o faz procurar a similaridade dos contornos das

cornijas nas igrejas e nas cômodas. Ele define assim um estilo que, em princípio, deveria trazer um conceito organizador. (Moles, 1981, p. 76)

Um critério não menos importante que aparece nos museus abertos ao público é o critério de *contexto estético*, que leva a um agrupamento de objetos com vistas a compor uma cena, um espetáculo, na tentativa de seduzir o visitante. Neste agrupamento as características da arquitetura também influenciam na escolha dos objetos, buscando organizar o espaço em função da representação antes que da funcionalidade.

Podemos citar também critérios próprios dos museus, como os critérios técnicos, de segurança e controle, que desempenham um papel considerável na disposição dos objetos.

No que se refere à classificação de objetos na esfera doméstica, Moles aponta que são, na verdade, métodos de aproximação, cada um dos quais nos revela alguma coisa dos papéis de um objeto. A arrumação da casa, no cotidiano, está ligada a dois tipos de fatores: primeiro, ao vínculo à função do objeto, e segundo, à herança das tradições.

Neste sentido, percebe-se que os objetos domésticos estão ligados a funções macro, tais como comer, dormir e fazer higiene, e se dispõem a partir de centros de interesse. Tal divisão funcional é herdada de uma tradição, basta pensarmos que a cama sempre estará colocada no dormitório e o sofá estará predominantemente da sala de visitas.

No caso da Charqueada São João, os objetos são agrupados e classificados como se estivessem em uma casa habitada, ou seja, ligados às suas funções, tais como comer, dormir, descansar, e são organizados a partir de centros de interesse. Então, aproximação dos objetos refletirá na distribuição espacial da casa, assim como na sua representação cênica, em sala de jantar, sala de visitas, cozinhas, dormitórios, etc., estabelecendo-se assim o partido arquitetônico geral. A ligação entre funções e objetos poderá determinar um agrupamento funcional como objetos de cozinha, objetos da sala, etc., que está diretamente ligado a um modo de vida, formando um determinado discurso.

Outro conceito colocado por Moles que possui relevância para este trabalho é a noção de distância organizadora, a que Moles chama de *distância semântica*, que consiste em situar numa escala de distancias variáveis de classes de 0 a 6 pares de objetos diversos reunidos num quadro. A partir destas distancias

entre os objetos de um mesmo agrupamento, pode-se dizer que, em um conjunto, o objeto mais “estranho” é sempre aquele cujas distancias semânticas são máximas em relação a todos os objetos à sua volta.

Não só os objetos em si possuem um certo grau de complexidade, mas o tipo de arrumação de um grupo de objetos também pode, segundo Moles, obter certo grau de complexidade, a partir de determinadas leis de agrupamento. A maneira como são aplicadas tais lei demonstram a filosofia estética de uma determinada época.

Descreverei a seguir brevemente algumas das leis propostas por Moles, uma vez que estas poderão ser úteis nas posteriores análises dos cenários:

- Lei da densidade: A densidade de um ambiente não é uniforme. Diferenciam-se os sistemas de elementos de densidade central e densidade lateral;
- Lei da ordem próxima: certos objetos associam-se seja funcionalmente, seja esteticamente uns aos outros. As cadeiras atraem as cadeiras, as poltronas atraem os tapetes, as paredes atraem os quadros;
- Lei da irradiação do objeto; objeto precisa de espaço ao seu redor, livre de outros objetos, para ser valorizado;
- Leis de agrupamento: objetos agrupam-se por tipo de funcionalidade; e
- Lei da simetria: ao nível de conjunto, dá uma impressão de repouso ou de estático, de conforto intelectual.

3.1 O valor dos objetos

Moles analisa diversos campos de pesquisa dos objetos e por isso descreve diversos tipos de valores que podem ser atribuídos aos objetos de um conjunto. Entretanto, como objetos expostos em museus não são objetos a venda, não serão considerados aqui seus valores econômicos, valores de venda, ou preço justo. O único valor que nos interessa é o valor estético do objeto:

O valor estético será ligado, de acordo com a atitude que nós tomamos, ao prazer sensual que o individuo obtém da posse de um objeto fora das suas utilizações específicas: prazer do olhar, reflexo do ouro ou da pátina da prata velha, o prazer de tocar, superfícies polidas, matizadas ou rugosas, caneladas ou lavradas, prazer dos odores do couro ou das tintas velhas, prazer pessoal e íntimo. (Moles, 1981, p. 87)

Mesmo que, no caso de uma exposição, o sujeito observador não possa tocá-los, diversas sensações e reações podem ser provocadas por outros elementos, como o cheiro, o barulho, a luz por exemplo, além das cores e texturas dos objetos. Entrar em uma exposição que recria uma mesa de jantar com todos os objetos à mostra e organizados com tal fim, desperta no visitante uma sensação de proximidade com os objetos.

Considerados enquanto linguagem, os objetos comportam dois modos: o aspecto semântico, de caráter denotativo, mais ligado à sua função, e o aspecto estético, conotativo, que constitui uma mensagem ampliada em relação à primeira.

No caso dos objetos expostos na Charqueada São João, tais aspectos ficam visíveis em vários exemplos, como nas louças, que exibem sua função primeira de servir o alimento, mas também comunicam uma função segunda, dada sua riqueza de detalhes e materiais, de demonstrar ao visitante o contexto social e financeiro dos habitantes da casa.

3.2 Tempo, museu, lugar de memória

Tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho é um lugar de memória que cumpre algumas funções de museu, onde os tempos se misturam, penso ser relevante dedicar este capítulo a uma reflexão sobre o tempo, bem como a um breve resgate do conceito de museu e suas atribuições, como seu papel na construção da memória, bem como uma reflexão sobre a temporalidade dos objetos nos museus.

Início este capítulo trazendo o conceito de museu proposto pelo ICOM:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.

(a) a definição de museu supracitada deve ser aplicada sem quaisquer limitações resultantes da natureza da entidade responsável, do estatuto territorial, do sistema de funcionamento ou da orientação das coleções da instituição em causa.

(vii) as instituições ou organizações sem fins lucrativos que desenvolvem atividades de conservação, investigação, educação, formação, documentação e outras relacionadas com museus e museologia. (CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS, 2008)

Tal definição vai de encontro ao trabalho realizado na Charqueada São João, uma vez que esta instituição propõe-se a realizar as tarefas propostas no conceito de museu. Uma destas tarefas é a da educação, que se realiza principalmente através das visitas mediadas que a instituição oferece. Vale lembrar que as escolas são o principal público destas visitas, buscando na instituição uma complementação pedagógica às atividades da escola.

Neste sentido, trago ao trabalho considerações propostas por Regis Ramos acerca dos objetos nos museus, com as quais compartilho e que tiveram grande valor na construção deste trabalho. Ao criticar a ação dos museus como “fornecedores de dados”, Ramos aponta para a necessidade de uma reflexão crítica sobre os objetos:

No cotidiano, usamos uma infinidade de objetos: desde a televisão até uma roupa. Por outro lado, pouco pensamos sobre os objetos que nos cercam. Se pouco refletimos sobre nossos próprios objetos, a nossa percepção de objetos expostos no museu será também de reduzida abrangência. Sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios de construir conhecimento sobre o passado. E o próprio conhecimento do presente já pressupõe referências ao pretérito. É por isso que qualquer museu histórico pode (e deve) ter em seu acervo artefatos do mundo contemporâneo. (RAMOS, 2004, p. 21)

Seguindo este ponto de vista e tomando como exemplo a Charqueada São João, poderíamos, a partir de seu acervo, refletir sobre os hábitos domésticos atuais, indo além de uma coleção de datas e fatos.

Assim, mostrando a relação entre objetos atuais e objetos de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar.

Retomando o exemplo da Charqueada São João, podemos pensar que a exposição de fotografias das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres, de 2002, no mesmo ambiente onde está exposto um rádio antigo do século XIX, pode induzir a uma reflexão sobre a transformação dos meios de comunicação ou das formas de entretenimento domésticas. Desta forma, as múltiplas temporalidades dos objetos podem representar um grande potencial educativo.

Assim, segundo Ramos, a história deixa de ser uma sucessão de eventos e assume a condição de pensamento sobre a multiplicidade do real:

Quando há comparações entre objetos do passado e os do presente, a noção de historicidade começa a ser trabalhada de modo mais direto: entra em jogo a questão da história como campo de

possibilidades, mudança que se expressa das mais variadas maneiras e que se torna visível na própria existência polivalente dos objetos. (RAMOS, 2004, p. 35)

Considerando que o foco deste trabalho está nos objetos expostos e suas temporalidades, considero importantes as reflexões propostas por Ramos acerca da mistura das temporalidades nos museus, e de como esta diacronia contribui para o processo educativo, uma das funções dos museus na atualidade.

Ainda sobre os princípios teórico-metodológicos da museologia, Maria Cristina Bruno (1997) aborda algumas questões relevantes. Segundo ela, a grande preocupação da museologia está voltada para dois problemas. Por um lado, a necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro, desenvolver processos para possibilitar que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e essa, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individual e/ou coletiva).

Destes problemas surgem dois vetores ligados ao fazer museológico: o da salvaguarda e conservação dos bens, num primeiro momento, e o da comunicação/educação, num segundo momento. Segundo Bruno “[. . .] o homem elege facetas (materiais e imateriais) do seu universo de vida, preserva-as para perpetuá-las.” (BRUNO, 1997, p. 89), ou ainda, segundo Regina Abreu (1996), para tornar-se de certa forma imortal, através de suas obras.

Mais uma vez teoria e prática se encontra. Tal reflexão pode ser aplicada à Charqueada São João, uma vez que trata-se de uma residência que teve seus objetos preservados pelos proprietários, com vistas à perpetuação da história e da memória, garantindo que a história daquela casa, daquelas famílias e até mesmo daquela região, não se perdessem no tempo das gerações futuras.

4 A EXPOGRAFIA NA CHARQUEADA SÃO JOÃO

A parte da casa da Charqueada São João que é aberta à visita (há uma parte fechada ao público, utilizada como moradia pela família proprietária), é composta por 13 ambientes, que em sua maioria preservam a composição original dos móveis, que lá estão da maneira que eram utilizados pelos moradores. É como se eles apenas tivessem saído, e pudessem voltar para casa a qualquer momento.

A visita é iniciada pela Sala dos Tropeiros, único ambiente interno no qual é permitido fotografias e filmagens, é também ali que acontecem eventos, como almoços, aniversários e eventos empresariais. Neste ambiente estão expostos objetos das mais variadas origens. Louças, quadros de fotografias, desenhos e artefatos usados para castigar escravos estão espalhados pelas paredes sem conter nenhuma informação ou legenda, o que aliás acontece em todos os ambientes. As informações sobre alguns objetos são informadas pela mediadora da visita, Dona Eva, funcionária da casa há mais de trinta anos. Selecionei este ambiente como corpus de análise deste trabalho, uma vez que é o único onde fotografias são permitidas, e também por entender que este recorte é suficiente para atender aos objetivos propostos.

Na continuação é possível visitar o pátio interno, a sala de refeições dos tropeiros, o corredor principal, a sala de jantar, o escritório, o dormitório da antiga proprietária, onde roupas, sapatos e jóias encontram-se expostos em profusão, além do dormitório que hospedou o viajante Saint Hilaire, em 1820, o qual é descrito por ele em seu livro *Viagem ao Rio Grande do Sul* (SANTI-HILAIRE, 1999). O quarto de banho é um dos ambientes mais curiosos, onde há uma banheira da época da construção da casa, esculpida em mármore branco, além de lava-pés e utensílios de higiene.

Em todos os ambientes chama a atenção a profusão de objetos e a mistura das épocas. Fotos das famílias vão enfileirando-se pelas paredes, sugerindo sua época apenas pela aparência e tipo de material. Pode-se ver, por exemplo, o retrato do Sr. Gonçalves Chaves, primeiro proprietário da casa, que morreu em 1837 a poucos metros de fotos familiares dos anos 1970, ou então um mural com as assinaturas dos atores que trabalharam na minissérie global, em 2002. Além das inúmeras fotos e retratos, peças de mobiliário vindas da Europa, nos navios que levavam o charque produzido na região, enfeites, cristais, candelabros, bibelôs,

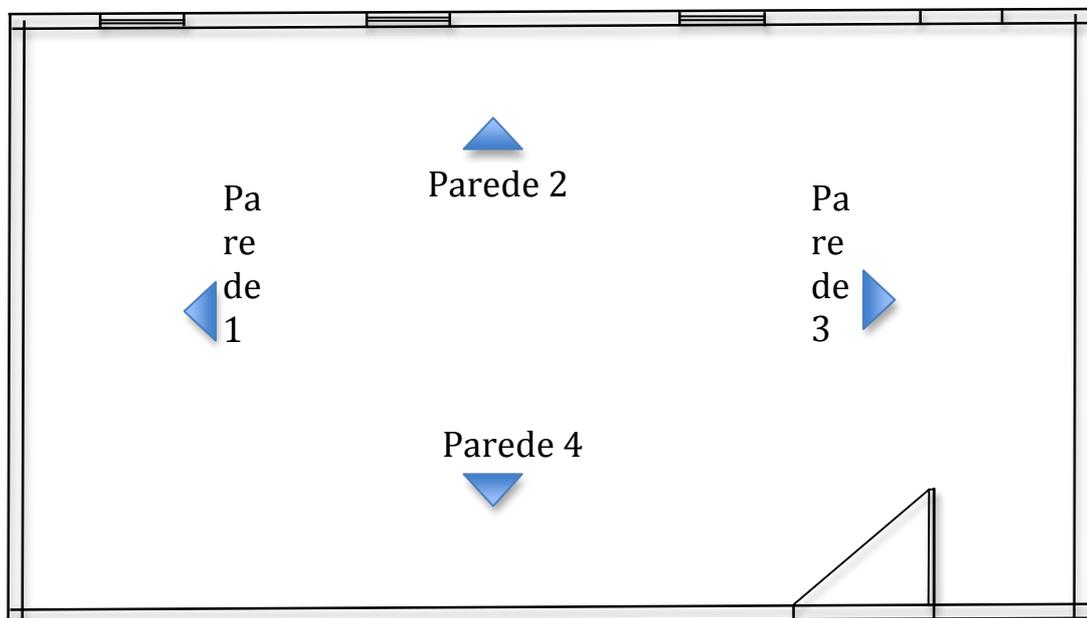
louças, talheres, até mesmo animais empalhados. Um verdadeiro gabinete de curiosidades em pleno século XXI.

A passagem do tempo é percebida não apenas através do conteúdo das fotografias, mas também da evolução tecnológica da captura das imagens e materiais de suporte.

Voltamos ao primeiro ambiente, a Sala dos Tropeiros, para uma análise mais precisa da expografia.

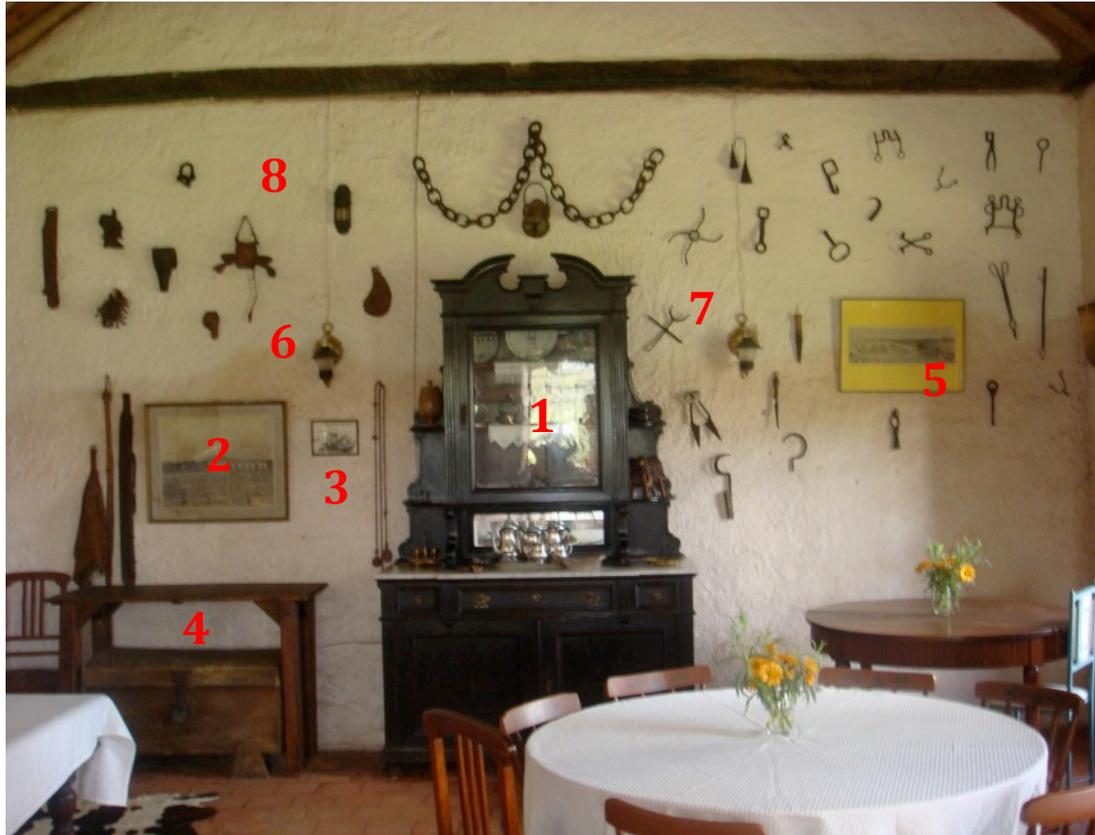
A fim de facilitar a compreensão do leitor, o mapeamento dos objetos está dividido entre as quatro paredes da sala.

Figura 7 — Sala dos Tropeiros – Planta baixa



Fonte: Autora.

Figura 8 — Parede 1



Fonte: Autora.

Legenda: 1 Móvel com pratarias e louças

2 Fotografia da casa com varais de charque, sem data

3 Fotografia de um grupo de homens em trapiche, sem data

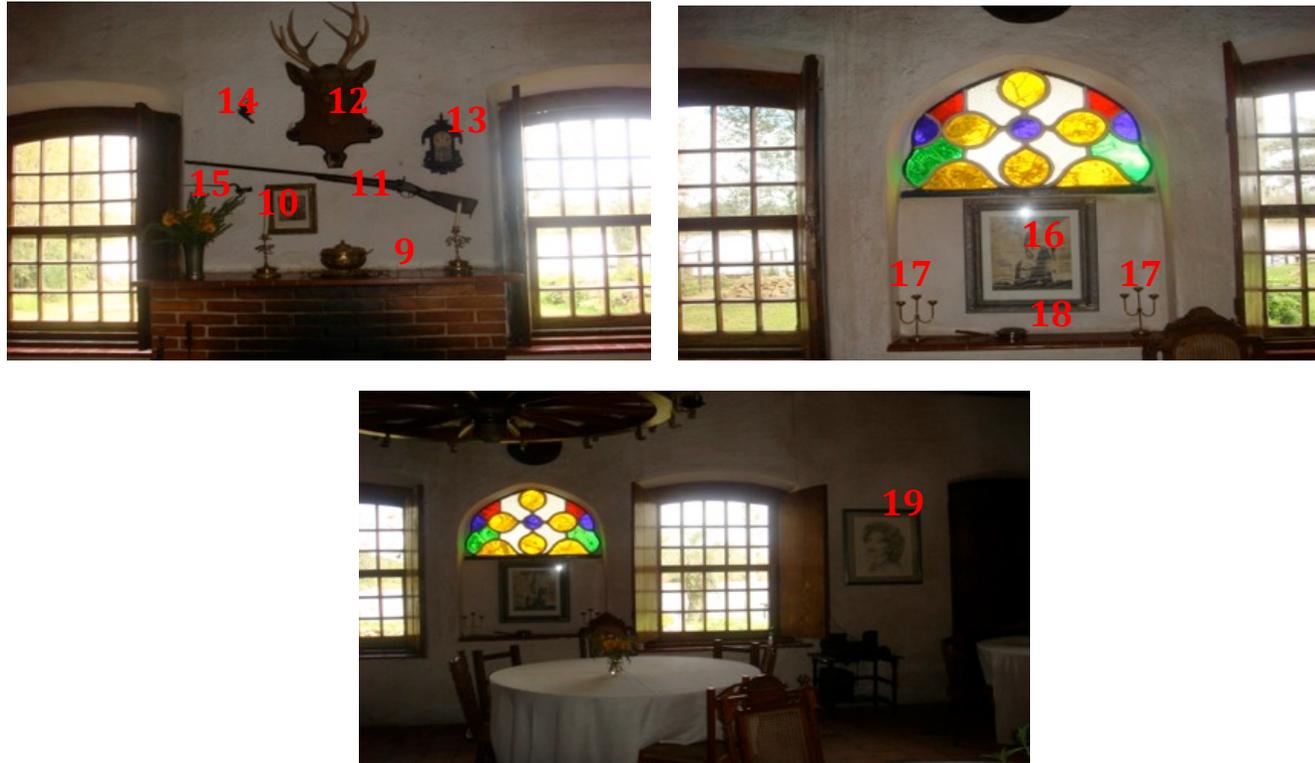
4 Móvel em madeira com baú revestido em couro com tachões de metal

5 Litografia de Jean Baptiste Debret em moldura de aço escovado e vidro

6 e 7 Luminárias originais da casa

8 Conjunto de 34 artefatos encontrados em escavações realizadas no terreno da Charqueada, utilizados para lida com o gado e o castigo de escravos.

Figura 9 — Parede 2



Fonte: Autora.

Legenda: 9 Objetos sobre a lareira: vaso com flores, dois castiçais dourados iguais, sopeira dourada.

10 Quadro com foto antiga de menina, sem informação de data ou autor

11 Espingarda

12 Escultura de cabeça de alce

13 Relógio

14 Revólver

15 Artefato cortante

16 Quadro com foto de estátua e cão, sem informação de data ou autor

17 Dois castiçais com desenho mais moderno que os anteriores

18 Panela pequena

19 Desenho a lápis – Retrato de Dona Nóris Mazza (que recebeu a casa de presente em 1952)

Figura 10 — Parede 3



Fonte: Autora.

Legenda: 20 Cabideiro de madeira

21 Conjunto de cinco quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres

22 Jacaré empalhado

23 Artefato parecido com uma escultura de cabeça de animal

24 Conjunto de dois quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres

25 Castiçal

Figura 11 — Parede 4



Fonte: Autora.

Legenda: 26 Quadro com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres.

27 Corrente

28 Conjunto de quatro quadros com fotos de detalhes arquitetônicos da casa, em moldura de madeira e vidro. Assinatura de Clarissa Alcântara, sem data

29 Esculturas diversas, alguns pedaços de azulejos

30 Desenho a lápis de uma Charqueada, assinatura de Notari, datado de 1956

31 Artefatos indígenas: 2 arcos e 1 flecha.

5 ANÁLISES DOS OBJETOS

Identificar uma possível diacronia dos objetos expostos, percebida em uma aproximação inicial, implica no conhecimento da época de utilização dos mesmos. Entretanto, não há na Charqueada São João nenhum trabalho de pesquisa de objetos, o que se coloca como o principal obstáculo para uma identificação precisa.

É importante deixar claro que a intenção deste trabalho não é a realização da pesquisa histórica dos objetos, embora este se mostre um campo aberto e vasto para futuras pesquisas, mas sim a de refletir sobre os critérios de agrupamento dos objetos e a possível diacronia existente no discurso museográfico da instituição. Dessa forma, considero que uma aproximação ao período temporal do objeto é suficiente para atingir os objetivos da investigação.

Utilizei então as fontes disponíveis de informação sobre tais objetos, que foram o conhecimento do proprietário da casa, através da realização de entrevista; informações contidas nos próprios objetos, como datas de pinturas ou fotos, ou ainda a própria função do objeto, que pode, em alguns casos, auxiliar nesta investigação, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 — Classificação de objetos por grupo de função

	Objeto	Grupo de função
1	Móvel com pratarias e louças	alimentação
2	Imagem da casa com varais de charque, sem data	decoração
3	Fotografia de um grupo de homens em trapiche, sem data	decoração
4	Móvel em madeira com baú revestido em couro com tachões de metal	Mobiliário
5	Litografia de Jean Baptiste Debret em moldura de aço escovado e vidro	Decoração
6/7	Luminárias originais da casa	Iluminação
8	Conjunto de 34 artefatos encontrados em escavações realizadas no terreno da Charqueada, utilizados para lida com o gado e o castigo de escravos.	Lida com gado e escravos
9	Objetos sobre a lareira: vaso com flores, dois castiçais dourados iguais, sopeira dourada.	
	9.1 Vaso com flores	Decoração
	9.2 Castiçais dourados	Iluminação
	9.3 Sopeira dourada	Alimentação
10	Quadro com foto de dona Noris Mazza	decoração

	quando criança	
11	Espingarda	Caça / defesa
12	Escultura de cabeça de alce	Decoração
13	Relógio de parede	Decoração
14	Revólver	Caça / defesa
15	Artefato cortante	Caça / defesa
16	Quadro com foto de estátua e cão, sem informação de data ou autor	Decoração
17	Dois castiçais com desenho mais moderno que os anteriores	Decoração
18	Panela pequena	Decoração
19	Desenho a lápis – Retrato de Dona Nórís Mazza (que recebeu a casa de presente em 1952)	Decoração
20	Cabideiro de madeira	Decoração
21	Conjunto de cinco quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres	Decoração
22	Jacaré empalhado	Decoração
23	Artefato parecido com uma escultura de cabeça de animal	Decoração
24	Conjunto de dois quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres	Decoração
25	Castiçal	Iluminação
26	Quadro com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres.	Decoração
27	Corrente	Lida com escravos
28	Conjunto de quatro quadros com fotos de detalhes arquitetônicos da casa, em moldura de madeira e vidro. Assinatura de Clarissa Alcântara, sem data	Decoração
29	Esculturas diversas, alguns pedaços de azulejos	Decoração
30	Desenho a lápis de uma Charqueada, assinatura de Notari, datado de 1956	Decoração
31	Artefatos indígenas: 2 arcos e 1 flecha	Caça / defesa

Fonte: Autora.

As informações sobre os grupos de função nos permitem funcionar em alguns casos como indicadores de temporalidades, como é o caso dos artefatos utilizados na lida com escravos, por exemplo.

Uma vez que a maioria dos objetos não contém informações de data, farei um agrupamento por época, considerando três marcos da história da casa, que parecem ser momentos importantes no que tange aos objetos expostos. O primeiro, século XIX, época de construção da casa, em que a mesma foi habitada pela família Gonçalves Chaves. O segundo, século XX, período em que a casa foi habitada pela

família Mazza. E terceiro, século XXI, quando da utilização da casa como cenário da minissérie global.

Quadro 2 — Quadro de classificação dos objetos por temporalidade

	Objeto	Época provável de inserção do objeto na casa		
		Séc XIX	Séc XX	Séc XXI
1	Móvel com pratarias e louças	X		
2	Imagem da casa com varais de charque, sem data	X		
3	Fotografia de um grupo de homens em trapiche, sem data		X	
4	Móvel em madeira com baú revestido em couro com tachões de metal			
5	Litografia de Jean Baptiste Debret em moldura de alumínio e vidro		X	
6/7	Luminárias originais da casa	X		
8	Conjunto de 34 artefatos encontrados em escavações realizadas no terreno da Charqueada, utilizados para lida com o gado e o castigo de escravos.	X		
9	Objetos sobre a lareira: vaso com flores, dois castiçais dourados iguais, sopeira dourada.			
	9.1 Vaso com flores			X
	9.2 Castiçais dourados	X		
	9.3 Sopeira dourada	X		
10	Quadro com foto de dona Noris Mazza quando criança		X	
11	Espingarda			
12	Escultura de cabeça de alce			
13	Relógio de parede	X		
14	Revólver			
15	Artefato cortante			
16	Quadro com foto de estátua e cão, sem informação de data ou		X	

	autor			
17	Dois castiçais com desenho mais moderno que os anteriores		X	
18	Panela pequena		X	
19	Desenho a lápis – Retrato de Dona Nóris Mazza (que recebeu a casa de presente em 1952)		X	
20	Cabideiro de madeira			X
21	Conjunto de cinco quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres			X
22	Jacaré empalhado			
23	Artefato parecido com uma escultura de cabeça de animal			
24	Conjunto de dois quadros com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres			X
25	Castiçal	X		
26	Quadro com fotos das gravações da minissérie A Casa das Sete Mulheres.			X
27	Corrente	X		
28	Conjunto de quatro quadros com fotos de detalhes arquitetônicos da casa, em moldura de madeira e vidro. Assinatura de Clarissa Alcântara, sem data		X	
29	Esculturas diversas, alguns pedaços de azulejos		X	
30	Desenho a lápis de uma Charqueada, assinatura de Notari, datado de 1956		X	
31	Artefatos indígenas: 2 arcos e 1 flecha			

Fonte: Autora.

Esta classificação teve por base informações vindas do proprietário da casa, além da observação dos materiais, formas e conteúdo (no caso das fotografias) dos objetos, tais como:

O móvel de madeira é um típico exemplar do mobiliário estilo império, vindo da Europa nos navios que levavam o charque retornavam com móveis e objetos europeus, que decoravam as residências dos ricos pecuaristas da região.

A imagem da casa com os varais de charque indicam para o século XIX, período de sua produção, uma vez que no início do século XX a produção charqueadora já encontrava-se em declínio.

Com relação ao item 3, a própria técnica do uso da fotografia para registro de eventos familiares, sugere que é um objeto do século XX, quando da habitação da casa pela família Mazza. Em outras salas de exposição da casa são encontradas inúmeras fotos de registros de eventos familiares, tais como esta.

A gravura de Jean Baptiste Debret, item 5, foi classificada no período do século XX em função de sua moldura, em aço escovado e linhas retas.

Os artefatos indicados no item 8 são um exemplo de como a utilização pode servir de balizador para uma classificação temporal, uma vez que as atividades de lida com gado e escravos foi abolida com o declínio da atividade charqueadora e a abolição da escravidão, no final do século XIX.

Alguns objetos não foram classificados pois não foi encontrada nenhuma indicação da sua época, entretanto, como são poucos os objetos nesta situação, a análise não foi prejudicada.

De um total de 31 objetos em exposição na sala analisada, foi possível aferir a temporalidade de 24 objetos, da seguinte forma:

Quadro 3 — Quadro de agrupamento de objetos por temporalidade

Século XIX	Século XX	Século XXI
10 objetos	9 objetos	5 objetos

Fonte: Autora.

Assim, verifica-se a existência de objetos de três temporalidades diferentes no mesmo ambiente.

Antes de prosseguir na análise, vale retomar os critérios de classificação sugeridos por Moles (1981) para museus: O critério estético, no qual o objetivo é mostrar ao público o maior número de elementos criadores de prazer estético, como em grandes magazines; o critério histórico, no qual os objetos são agrupados em ordem cronológica; o critério do contexto estético, baseado na busca da reconstrução de uma cena, com caráter de espetáculo; e o critério técnico, que leva em consideração a segurança e o controle dos objetos.

A aplicação destas possibilidades de critérios no conjunto de objetos analisado aponta para alguns indicadores.

Os critérios histórico e de contexto estético não foram utilizados no agrupamento, uma vez que encontramos objetos de variadas temporalidades no mesmo conjunto. Pode-se dizer que o critério estético tenha sido aplicado, no sentido de apresentar ao visitante o maior número possível de objetos, e também o critério técnico, já que os objetos mais valiosos e sensíveis da casa, como cristais e pinturas, estão expostos em áreas mais protegidas, onde os visitantes não circulam sem supervisão. A sala analisada, diferentemente dos demais espaços de exposição, é também um ambiente onde ocorrem eventos, com maior circulação de pessoas, o que comprometeria a segurança de objetos mais valiosos.

No prosseguimento da análise, retomarei também o que Moles propõe sobre as leis de agrupamento de objetos no campo residencial, considerando o pressuposto já colocado anteriormente de que o espaço analisado é uma casa: a Lei da Densidade, que considera que os objetos não são distribuídos de maneira uniforme no ambiente; a lei da ordem próxima, segundo a qual objetos se atraem pela proximidade de uso; a Lei da Irradiação do objeto, ou seja, objetos destacados são aqueles mais isolados dos demais; a Lei do agrupamento, na qual os objetos são agrupados pela funcionalidade; e, por fim, a Lei da simetria, que busca um certo equilíbrio visual na distribuição dos objetos.

Na sala analisada é possível verificar a diferença de densidades de objetos ao longo da sala. Na parede 1, situada ao fundo, que poderia ser considerada a principal, já que é a primeira a surgir aos olhos do visitante, há uma concentração de objetos bem maior que nas demais paredes.

As aplicação das demais leis não foi detectada na sala, uma vez que convivem ali, lado a lado, objetos de funções diferentes, como por exemplo louças e artefatos para castigar escravos, organizados sem uma distância suficiente para um tenha maior destaque sobre o outro. A lei da simetria é verificada em algumas situações, como por exemplo na disposição dos conjuntos de quadros sobre o mesmo tema.

Assim o critério mais fortemente encontrado na exposição parece ser o estético, além da relação de gosto pessoal de seus proprietários, que parece ser a grande marca da escolha dos objetos em exposição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma casa que abriga memórias de família através de seus objetos, reunidos há mais de duzentos anos. Um local que não se apresenta como museu, mas que guarda e conserva objetos tais como na sua origem. Mais do que isso, um local que expõe suas fartas coleções de objetos domésticos a um público interessado visita-las, público este que abrange desde estudantes dos níveis fundamentais, até turistas curiosos e pesquisadores que, de alguma maneira, transformam a Charqueada São João em objeto de pesquisa.

É justamente por realizar funções atribuídas aos museus que esta coleção de objetos teve lugar neste trabalho de Museologia, algo que talvez seja inédito, uma vez que têm sido a história o campo a utilizar com maior frequência a Charqueada como tema de pesquisa. Os objetos, tão fundamentais para a Museologia, testemunhas materiais da história, fonte de conhecimento do passado, merecem atenção em um local como este, por sua antiguidade, por sua beleza, por seu ótimo estado de conservação.

As análises dos objetos, fundamentadas em pressupostos teóricos da ordem da Teoria dos Objetos, revelaram o que a primeira aproximação já sugeria: a existência de uma diacronia entre os objetos expostos, como camadas que foram sendo colocadas ao longo do tempo, testemunhando a mudança dos seus habitantes, e também a mudança do mundo, das tecnologias e dos hábitos sociais. Ambientes congelados em um determinado momento do tempo, quando deixam de exercer sua função primeira, para que gerações futuras possam aprender através deles, através da sua observação. Entretanto, pude detectar que esta farta e rica coleção demanda por atividades museológicas de pesquisa e documentação, além de conservação de acervo, para que cumpra com maior eficácia sua vocação de disseminar de conhecimento.

Ao realizar uma aproximação mais detalhada sobre a coleção, algumas inquietações ficaram latentes. Uma delas é refletir sobre o fato de que, apesar de não haver muita informação sobre os objetos, e de não haver um projeto expográfico ou critérios definidos na seleção dos objetos expostos, a casa recebe uma visitação importante e constante, fato que merece uma reflexão.

Talvez os visitantes sejam motivados pelo fato de ser o local uma casa, um ambiente que faz parte da vida de todos, um ambiente que testemunha a vida

familiar na atualidade, assim como há dois séculos. Nesse sentido, vale lembrar que uma visita a um museu faz mais sentido quando consegue estabelecer alguma relação com a vida cotidiana do visitante. Neste sentido, a mistura dos tempos tem um papel relevante, são os objetos do presente que motivam o interesse pelos objetos do passado.

Considerando que o objetivo da pesquisa científica não é o esgotamento do tema, penso que este trabalho deixa alguns caminhos abertos, para outras pesquisas neste campo ainda tão jovem como o da Museologia.

Afinal, as possibilidades exploratórias são vastas na Charqueada São João, um lugar de memória onde aprende-se através da mistura dos tempos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa; Rocco, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BICCA, Briane Elizabeth Panitz. **Arquitetura na formação do Brasil**. 2. ed. Brasília: UNESCO; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Políticas**: Política Nacional dos Museus. Brasília, c2009/2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/politica_apresentacao.htm>. Acesso em: 18 nov. 2011.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e museus**: princípios, problemas e métodos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1997. (Cadernos de Sociomuseologia, v. 10).

CHARQUEADA SÃO JOÃO. **Charqueada São João**: 1810. Pelotas, [201-?]. Disponível em: <<http://www.charqueadasaojoao.com.br>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Estatutos**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/sub.cfm?subicom=icom3&canal=icom>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e fazendas**: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. 1997. 15 f. Dissertação (Mestrado)—Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01503.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2011.

MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1981.

NEVES, Laerte Pedreira. **Adoção do partido na arquitetura**. Salvador: EDUFBA, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PELOTAS. [201-?]. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**: 1820-1821. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.